



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS - CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

AMANDA NUNES DE LIMA

**INTERFACES ENTRE ANTROPONÍMIA E LITERATURA:
QUATRO PRINCIPAIS AUTORAS DO MODERNISMO BRASILEIRO**

PALMAS, TO

2025

AMANDA NUNES DE LIMA

**INTERFACES ENTRE ANTROPONÍMIA E LITERATURA:
QUATRO PRINCIPAIS AUTORAS DO MODERNISMO BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal do Tocantins – IFTO, Campus Palmas-TO, como exigência à obtenção do grau de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa.

Professora orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Rilda Alves da Silva Martins

Professora coorientadora: Prof^ª. Dra. Verônica Ramalho Nunes

PALMAS, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

- L732i Lima, Amanda Nunes de
 Interfaces entre antroponímia e literatura: quatro principais autoras do
 modernismo brasileiro / Amanda Nunes de Lima. – Palmas, TO, 2025.
 40 p.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
 em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
 Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2025.
- Orientadora: Dra. Maria Rilda Alves da Silva Martins
 Coorientadora: Dra. Verônica Ramalho Nunes
1. Antroponímia. 2. Literatura brasileira. 3. Modernismo. I. Martins,
 Maria Rilda Alves da Silva. II. Nunes, Verônica Ramalho. III. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AMANDA NUNES DE LIMA

**INTERFACES ENTRE ANTROPONÍMIA E LITERATURA:
QUATRO PRINCIPAIS AUTORAS DO MODERNISMO BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal do Tocantins – IFTO, Campus Palmas-TO, como exigência à obtenção do grau de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: ____/____/2025

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Maria Rilda Alves da Silva Martins (Orientador)
IFTO – Campus Palmas

Professora Dra. Verônica Ramalho Nunes (Coorientadora)
IFTO – Campus Palmas

Professora Dra. Carla Bastiani (Membro Externo)
IFTO – Campus Paraíso

Professora Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias (Membro Interno)
IFTO – Campus Palmas

Professor Dr. David Siqueira Fontes Neto (Membro Interno)
IFTO – Campus Palmas

"Um nome deve significar alguma coisa?"

Alice perguntou ambigualmente.

Lewis Carroll

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, fonte de força, sabedoria e inspiração, que me guiou em cada etapa dessa jornada e me sustentou nos momentos de dificuldade. Sem Ele, nada seria possível. À minha família, meu porto seguro, expresso minha eterna gratidão. Aos meus pais, que sempre acreditaram no meu potencial e me apoiaram incondicionalmente, e a todos os familiares que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui, o meu mais profundo agradecimento. À minha orientadora, Prof^a. Dra. Maria Rilda, agradeço pela dedicação, paciência e pelos valiosos ensinamentos que enriqueceram não apenas este trabalho, mas também minha trajetória acadêmica. À minha coorientadora, Prof^a. Dra. Verônica Ramalho Nunes, registro meu imenso apreço pelas contribuições significativas, pelo apoio constante e pela inspiração em cada orientação. Aos membros da banca examinadora, minha profunda gratidão por dedicarem seu tempo e compartilharem seu conhecimento, contribuindo de forma valiosa para este trabalho. Aos meus amigos, que estiveram ao meu lado, incentivando, apoiando e tornando essa caminhada mais leve e significativa, o meu muito obrigada. Finalmente, ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), que proporcionou o ambiente e os recursos para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, e a todos os que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, minha eterna gratidão. A todos vocês, meu mais sincero obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as interfaces entre a Antroponímia e a Literatura, com foco nos nomes próprios das autoras Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, autoras de destaque do Modernismo brasileiro. A análise parte de uma abordagem interdisciplinar, articulando os aspectos linguísticos, por meio da etimologia e da Sócio-Onomástica, e literários, considerando o contexto social e cultural em que essas autoras se inseriram. O trabalho visa compreender como os nomes próprios refletem valores culturais, ideológicos e sociais, além de destacar a representatividade feminina e o enfrentamento de estereótipos no cenário literário brasileiro. A metodologia adotada é de caráter qualitativo, de natureza descritiva, utilizando-se de pesquisa documental e bibliográfica. A investigação divide-se em duas vertentes principais: a primeira consiste na análise etimológica dos nomes das autoras, buscando identificar seus significados e origens; a segunda explora os nomes no contexto social e cultural, evidenciando sua relação com a identidade e a contribuição dessas escritoras para a literatura brasileira. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Lexicologia, Onomástica e Antroponímia, com autores como Dick (1990, 1992, 1998), Carvalhinhos (2007) e Seide (2019, 2020), além de obras que tratam da presença feminina na literatura, como Albuquerque (2020) e Silva (2021). Os resultados indicam que os nomes das autoras analisadas não apenas representam um elemento identificador, mas também refletem aspectos históricos e culturais de suas trajetórias literárias. A pesquisa destaca a contribuição dessas escritoras para a valorização da mulher na literatura brasileira, especialmente em um contexto marcado pelo patriarcado e pela exclusão feminina. Além disso, evidencia-se a importância da Antroponímia como um campo interdisciplinar, capaz de enriquecer os estudos literários e culturais. Portanto, a investigação preenche uma lacuna acadêmica ao explorar a antroponímia feminina no contexto da literatura, incentivando novas pesquisas sobre a temática. Este trabalho reforça a relevância da interdisciplinaridade na academia, ao mesmo tempo em que promove a reflexão sobre questões de gênero e representatividade no Modernismo brasileiro.

Palavras-chave: Antroponímia; Literatura brasileira; Modernismo; Representatividade feminina; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This research aims to investigate the interfaces between Anthroponymy and Literature, focusing on the proper names of Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, and Lygia Fagundes Telles, prominent authors of Brazilian Modernism. The analysis adopts an interdisciplinary approach, articulating linguistic aspects, through etymology and Socio-Onomastics, and literary aspects, considering the social and cultural context in which these authors were embedded. The study seeks to understand how proper names reflect cultural, ideological, and social values, while also highlighting female representation and the challenge to stereotypes in the Brazilian literary scene. The methodology employed is qualitative and descriptive in nature, utilizing documentary and bibliographical research. The investigation is divided into two main strands: the first involves the etymological analysis of the authors' names, aiming to identify their meanings and origins; the second explores these names in their social and cultural contexts, highlighting their relationship with identity and the contribution of these writers to Brazilian literature. The research is grounded in studies of Lexicology, Onomastics, and Anthroponymy, drawing on authors such as Dick (1990, 1992, 1998), Carvalhinhos (2007), and Seide (2019, 2020), as well as works addressing the female presence in literature, such as Albuquerque (2020) and Silva (2021). The results indicate that the analyzed authors' names not only serve as identifiers but also reflect historical and cultural aspects of their literary trajectories. The study underscores these writers' contributions to the recognition of women in Brazilian literature, particularly in a context marked by patriarchy and female exclusion. Furthermore, it highlights the importance of Anthroponymy as an interdisciplinary field that can enrich literary and cultural studies. Therefore, this research fills an academic gap by exploring female anthroponymy in the context of literature, encouraging further studies on the subject. This work reinforces the relevance of interdisciplinarity in academia while promoting reflection on gender issues and representation in Brazilian Modernism.

Keywords: Anthroponymy; Brazilian Literature; Modernism; Female Representation; Interdisciplinarity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – PERCURSO METODOLÓGICO	9
1.1 TIPO DE PESQUISA.....	9
1.2 CORPUS E FONTES DE DADOS.....	10
1.3 ETAPAS DA PESQUISA.....	11
1.4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS	12
CAPÍTULO 2 – REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 LEXICOLOGIA.....	14
2.2 CIÊNCIA ONOMÁSTICA.....	16
2.3 ASPECTOS CONCEITUAIS DA ANTROPONÍMIA	17
2.4 PERSPECTIVAS DA SÓCIO-ONOMÁSTICA: UMA ABORDAGEM CULTURAL E HISTÓRICA	19
2.5 INTERFACE ENTRE ANTROPONÍMIA E A LITERATURA: CONEXÕES FUNDAMENTAIS.....	20
2.6 FIGURA DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA: PERÍODO MODERNISTA	22
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
3.1. ETIMOLOGIA DOS NOMES DAS AUTORAS.....	27
3.1.1 Rachel de Queiroz	27
3.1.2 Lygia Fagundes Telles	28
3.1.3 Cecília Meireles	28
3.1.4 Clarice Lispector.....	29
3.2 IMPLICAÇÕES ANTROPÔNIMOS DOS NOMES	29
3.2.1 Reflexões Sobre a Representatividade Feminina	32
3.3 CONTEXTO CULTURAL E SOCIAL DOS NOMES: UM OLHAR PELA ANTROPONÍMIA	33
3.4 REPRESENTATIVIDADE FEMININA NOS NOMES E OBRAS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39

"Escrever é uma forma de procurar entender, uma forma de procurar explicar para mim mesma."
— Clarice Lispector

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa explora as interfaces entre a Antroponímia e a Literatura, com foco nos nomes próprios de quatro autoras representativas do Modernismo brasileiro: Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. Essas autoras transcenderam as limitações impostas às mulheres de sua época, contribuindo significativamente para a literatura e desafiando os estereótipos de gênero. Ao articular aspectos linguísticos e literários, este estudo busca refletir sobre o impacto cultural e histórico desses nomes no contexto literário brasileiro.

O problema da pesquisa gira em torno das seguintes questões: O que esses nomes representam para o cenário literário brasileiro? Qual a importância feminina no espaço literário do Brasil? Como esses nomes refletem o enfrentamento de estereótipos de gênero? Partindo da perspectiva sociológica, que entende o gênero como uma construção cultural dinâmica, esta investigação analisa como as autoras do Modernismo romperam barreiras históricas, reconfigurando o papel da mulher na sociedade e na literatura.

Com uma abordagem qualitativa e descritiva, a metodologia utilizada inclui pesquisa documental e bibliográfica. O estudo divide-se em duas vertentes: a análise etimológica dos nomes das autoras, abordando suas origens e significados; e a análise sociocultural, que investiga como esses nomes refletem a identidade e a relevância das autoras no Modernismo brasileiro. Para essa última vertente, a Sócio-Onomástica fundamenta-se no estudo da atribuição e do uso social dos nomes próprios.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar e explicar a origem, evolução e variação dos nomes das principais autoras do Modernismo brasileiro em função de aspectos culturais, históricos e sociais, destacando suas contribuições para o desenvolvimento da literatura no país. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa busca apresentar os nomes das quatro autoras selecionadas pelo viés da Onomástica, contextualizar o período modernista no Brasil, evidenciar a participação feminina nesse cenário, discutir a importância do papel feminino para a literatura brasileira e compreender as origens de crenças e valores sociais opressivos que desqualificaram e estigmatizaram a mulher na sociedade brasileira.

A relevância desta pesquisa se justifica pela escassez de estudos sobre a antroponímia feminina no contexto da literatura brasileira, bem como pela necessidade de abordar o papel das mulheres na superação de um sistema patriarcal que historicamente silenciou suas vozes. Ao investigar os nomes próprios sob uma perspectiva onomástica e literária, o trabalho contribui para ampliar o escopo acadêmico, destacando a importância da representatividade feminina na literatura e fomentando reflexões sobre questões de gênero. Além disso, a pesquisa busca revelar as contribuições literárias dessas autoras e o impacto cultural de suas obras, evidenciando o protagonismo feminino em um período essencial para o desenvolvimento da literatura brasileira.

Por fim, este trabalho está estruturado em capítulos que organizam e detalham suas etapas. O primeiro capítulo apresenta a metodologia, descrevendo a abordagem qualitativa e os procedimentos de coleta e análise de dados. O segundo capítulo traz a revisão de literatura, fundamentando a pesquisa com autores que tratam de Lexicologia, Onomástica, Antroponímia e representatividade feminina na literatura. O terceiro capítulo expõe os resultados e as discussões, analisando os nomes das autoras sob as perspectivas etimológica e sociocultural. Por último, as considerações finais sintetizam as conclusões, destacam as contribuições do estudo e apontam caminhos para futuras pesquisas. As referências encerram o trabalho, consolidando seu embasamento teórico e metodológico.

"Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro."

– Clarice Lispector.

CAPÍTULO 1 – PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa, estruturada em tópicos que detalham o tipo de pesquisa, as etapas de desenvolvimento, a coleta e análise dos dados, bem como a descrição do corpus utilizado. Essa organização visa assegurar o rigor científico necessário para responder à problemática levantada e alcançar os objetivos propostos.

1.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, conforme definido por Gil (2010), sendo voltado para a obtenção de dados descritivos e detalhados que permitam uma compreensão aprofundada do fenômeno estudado. A abordagem qualitativa foi escolhida por sua capacidade de explorar os significados e conexões presentes nos dados, valorizando a complexidade e o contexto social, histórico e cultural do objeto de investigação. Essa abordagem não apenas permite compreender as nuances e inter-relações entre os elementos analisados, mas também possibilita interpretações mais ricas e fundamentadas.

A pesquisa descritiva, por sua vez, tem como objetivo principal observar, registrar e analisar fenômenos, buscando compreender suas características, frequência e relações com outros fenômenos. De acordo com Gil (2010), a descrição detalhada dos elementos analisados oferece subsídios importantes para uma compreensão abrangente e precisa do objeto de estudo, o que, neste caso, inclui a análise dos nomes próprios de autoras modernistas e sua relação com questões de gênero, identidade e representatividade literária.

Além disso, a investigação também se configura como documental e bibliográfica. A pesquisa documental envolveu a análise de materiais previamente existentes, como textos literários, biografias, correspondências, entrevistas, ensaios críticos e outros documentos que oferecem informações relevantes sobre a vida e obra das autoras Cecília Meireles, Rachel de

Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. Esses documentos foram reexaminados sob a perspectiva dos objetivos deste estudo, permitindo interpretações mais amplas e integradas sobre o tema.

O levantamento bibliográfico, por sua vez, fundamentou-se em obras teóricas e acadêmicas relacionadas à Onomástica, Sócio-Onomástica, Antroponímia e literatura brasileira, além de estudos que abordam a representatividade feminina no Modernismo. Essa etapa permitiu a construção de um referencial teórico sólido, fundamentado em autores renomados, como Dick (1990, 1992, 1998), Guérios (1981) e Carvalhinhos (2007). Além disso, foram incorporados estudos contemporâneos que reforçam a compreensão sobre o papel das mulheres no cenário literário brasileiro e sua contribuição para a superação de estereótipos de gênero.

A escolha dessa combinação de abordagens qualitativa, descritiva, documental e bibliográfica justifica-se pela necessidade de articular dados detalhados e fundamentados com interpretações teóricas que sustentem as análises realizadas. Essa estratégia metodológica assegura uma compreensão ampla e consistente da interface entre Antroponímia e Literatura no contexto das autoras modernistas brasileiras, contribuindo para o aprofundamento das discussões acadêmicas sobre o tema e para a ampliação do escopo bibliográfico sobre antroponímia feminina no Brasil.

1.2 CORPUS E FONTES DE DADOS

O corpus desta pesquisa é composto pelos nomes próprios de quatro autoras de destaque do Modernismo brasileiro: Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. Esses nomes foram selecionados devido à relevância histórica e literária dessas escritoras no contexto brasileiro, sendo analisados sob duas perspectivas complementares: linguística e sociocultural.

Na análise linguística, foram utilizados dicionários etimológicos renomados, como o de Cunha (1982), entre outros especializados, que fornecem informações detalhadas sobre a origem, evolução, significados e possíveis variações dos nomes e sobrenomes das autoras. Esses recursos permitiram identificar as raízes linguísticas e culturais associadas aos antropônimos, assim como suas implicações simbólicas e históricas. A escolha por esses

dicionários justifica-se por sua confiabilidade e abrangência, garantindo a precisão necessária para o levantamento de dados etimológicos que embasam as reflexões propostas neste estudo.

A análise sociocultural, por sua vez, foi enriquecida por uma ampla gama de fontes documentais, incluindo biografias, correspondências pessoais, entrevistas e textos críticos sobre as autoras. Esses materiais possibilitaram uma compreensão mais ampla e contextualizada dos fatores históricos, sociais e culturais que influenciaram a atribuição e o uso dos nomes próprios. Além disso, permitiram investigar como esses nomes dialogam com questões de identidade, representatividade feminina e o protagonismo das autoras no cenário literário do Modernismo brasileiro.

A combinação dessas perspectivas garantiu uma abordagem interdisciplinar, conectando aspectos linguísticos e culturais para explorar as múltiplas dimensões dos nomes próprios no corpus analisado. Essa análise não apenas revelou a origem e o significado dos nomes, mas também destacou como eles refletiam os valores, crenças e expectativas da sociedade em que as autoras estavam inseridas. Por fim, o estudo do corpus proporcionou insights valiosos sobre a relação entre os nomes próprios e a luta por representatividade feminina no campo literário, oferecendo subsídios para discussões mais amplas sobre gênero, identidade e cultura.

1.3 ETAPAS DA PESQUISA

A condução da pesquisa foi organizada em três etapas principais, cada uma direcionada a um aspecto específico da investigação e interligada aos objetivos propostos. Essas etapas abrangeram desde o levantamento teórico e documental até a análise detalhada do corpus, promovendo uma abordagem sistemática e interdisciplinar.

Na primeira etapa, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental para embasar teoricamente a pesquisa. Essa etapa envolveu o estudo de autores fundamentais como Dick (1990, 1992, 1998), Guérios (1981), Carvalhinhos (2007) e Triviños (1987), cujas obras forneceram suporte teórico para os conceitos de Onomástica, Sócio-Onomástica e representatividade feminina na literatura. Paralelamente, foram coletados documentos e materiais relacionados à vida e obra de Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, incluindo biografias, correspondências, entrevistas e ensaios críticos, que contribuíram para compreender o contexto histórico e cultural das autoras.

A segunda etapa consistiu na análise etimológica dos nomes próprios das autoras, utilizando dicionários etimológicos reconhecidos, como o de Cunha (1982). Essa análise investigou as raízes linguísticas, os significados e a evolução histórica dos nomes e sobrenomes, considerando fatores culturais, históricos e regionais que influenciaram sua formação e uso. Essa etapa buscou identificar a riqueza simbólica e linguística dos nomes, bem como suas conexões com a identidade das autoras no contexto brasileiro.

Na terceira etapa, foi realizada a análise sociocultural dos nomes sob a perspectiva da Sócio-Onomástica. Esse enfoque permitiu examinar as motivações, os significados e as implicações sociais atribuídas aos nomes no contexto literário e cultural das autoras. A análise qualitativa buscou conectar os nomes à identidade literária e ao protagonismo feminino no Modernismo brasileiro, destacando como esses antropônimos refletem a representatividade feminina e os desafios enfrentados por essas escritoras em um cenário historicamente dominado pelo patriarcado.

Essas três etapas integraram-se de forma complementar, proporcionando uma visão ampla e aprofundada sobre o corpus analisado. O percurso metodológico adotado garantiu a coerência entre os objetivos da pesquisa e os resultados alcançados, promovendo uma compreensão interdisciplinar que conecta a linguística, a literatura e os estudos de gênero.

1.4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados foi realizada com base em um levantamento documental e bibliográfico, envolvendo fontes variadas e criteriosamente selecionadas. Os materiais coletados incluíram dicionários etimológicos, biografias, correspondências, entrevistas, ensaios críticos e outros documentos relacionados à vida e obra das autoras Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. Esses materiais foram sistematizados e categorizados conforme as vertentes de análise estabelecidas, com o objetivo de organizar o corpus e direcionar o tratamento dos dados.

A análise linguística foi conduzida com o auxílio de dicionários etimológicos, como o de Cunha (1982), que forneceram informações detalhadas sobre a origem, evolução e significados dos nomes e sobrenomes das autoras. Essa etapa visou identificar as raízes linguísticas e culturais associadas aos antropônimos, considerando sua evolução histórica e as variações em função de local, época e costumes.

Por sua vez, a análise sociocultural utilizou dados extraídos de biografias, correspondências e textos críticos. Essa vertente investigou as razões sociais, culturais e históricas por trás da escolha e do uso dos nomes próprios no contexto modernista, além de sua relação com a identidade literária e a representatividade feminina. A Sócio-Onomástica fundamentou essa análise, contribuindo para a compreensão das conexões entre os nomes das autoras e o cenário literário em que estavam inseridas.

A sistematização das informações foi realizada com rigor, garantindo a consistência e coerência entre os dados coletados e os objetivos da pesquisa. Essa etapa foi essencial para organizar os achados de forma lógica e integrada, permitindo uma interpretação fundamentada. A análise qualitativa dos dados buscou identificar padrões, relações e conexões significativas que evidenciassem a relevância dos nomes próprios na construção do protagonismo feminino e na consolidação de suas contribuições para a literatura brasileira.

Por fim, as considerações foram apresentadas em conjunto com a análise dos dados, sendo fundamentadas nas teorias e observações realizadas ao longo do estudo. Esse percurso metodológico permitiu não apenas responder à problemática levantada, mas também ampliar o escopo bibliográfico sobre a antroponímia feminina no contexto literário brasileiro. Assim, a pesquisa oferece subsídios para novas reflexões e investigações sobre a representatividade feminina e sua relação com a linguagem, a cultura e a literatura.

"Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou poeta."

– Cecília Meirelles.

CAPÍTULO 2 – REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura visa contextualizar e sustentar teoricamente a análise proposta sobre os nomes das autoras modernistas brasileiras Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. O trabalho articula uma abordagem interdisciplinar que conecta Antroponímia, Sócio-Onomástica, Literatura e Estudos Culturais. Para uma organização coerente e aprofundada, os tópicos estão estruturados da seguinte forma:

2.1 LEXICOLOGIA

Considera-se que o léxico compreende do conjunto de palavras de determinada língua, constituindo uma forma de registrar os conhecimentos do universo, sendo assim, estudar o léxico é apropriar-se do vocabulário de certas línguas relacionados às suas palavras e seus significados. Dessa forma, o léxico está intrinsecamente implicado no processo de nomeação, ou seja, é o elemento de uma língua a qual retrata os aspectos culturais de uma comunidade.

Nessa perspectiva, Sapir (1985, p. 90) diz que “é o vocabulário de uma língua que reflete mais claramente o ambiente físico e social de seus falantes, pode ser considerado como um complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que atraem a atenção da comunidade”. E o léxico, assim, demonstra o poder que uma língua tem, podendo ser identificado como um patrimônio vocabular dos grupos linguísticos ao longo de sua história.

À vista disso, o legado lexical de uma língua constitui um repositório capaz de armazenar os elementos culturais de um povo, que reflete em suas experiências ao longo do tempo, e quanto a esses aspectos, a Lexicologia é revelada. Tendo em vista que ela é considerada a ciência que estuda as unidades de uma ou várias línguas, a Lexicologia pode ser compreendida como uma das disciplinas tradicionais que estudam o léxico, bem como tem a finalidade de descrevê-lo. Dessa forma, pode-se inferir que a Lexicologia estuda o léxico em todos os aspectos linguísticos, discursivos, pragmáticos, culturais e históricos, sendo assim, o

estudo científico no léxico é norteado pela Lexicologia. Nessa abordagem, Biderman (2001, p. 17) afirma que:

A lexicologia, ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico [...] embora se atribua a Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa. Tradicionalmente os estudiosos da Lexicologia tem-se ocupado da problemática da formação de palavras, província em que essa ciência confina a Morfologia, dita lexical. Os lexicólogos vêm-se dedicando também ao estudo da criação lexical, ou seja, os neologismos.

Além disso, a Lexicologia visa à investigação dos processos de renovação lexical, como também se identifica pela criação de teorias, considerando a análise e a descrição do léxico. Além de ser tida como a ciência que estuda as unidades lexicais de um ou de várias línguas, no que se refere ao significado ou o seu significante, ou seja, o léxico em todos os sentidos. Ademais, a ciência do léxico atenta-se à totalidade do signo linguístico concebido por Saussure (2006) no começo do século XX interessa-se pelo estudo do que concerne às palavras, sendo assim léxico é:

Um objeto primordial dos estudos lexicológicos, o exame do léxico, nos permite conhecer a história, os costumes e os hábitos de um povo. Seu estudo concentra-se nos aspectos relacionados com as unidades de primeira articulação, aquelas dotadas de duas faces, significante e significado. Para analisá-lo, consideram-se os morfemas existentes e as regras de combinação desses morfemas que possibilitam a criação de novas unidades (GONÇALVES & GÓIS, 2012, p. 167).

Diante dessa afirmação, considera-se que Lexicologia estabelece relações com outras ciências como a Etnolinguística e a Dialectologia, de maneira que desenvolveram estudos articulando língua e cultura. Nesse sentido, a Lexicologia visa a investigação dos processos de renovação lexical, como também se identifica pela criação de teorias, considerando a análise e a descrição do léxico.

Pode-se considerar também que no campo geral da Lexicologia inscreve-se a Onomástica, cujas investigações estão voltadas para os nomes próprios e é considerada uma ciência do léxico fundamental no tocante ao restabelecimento sócio-histórico e físico-cultural implicadas na nomeação, sendo um elemento de vivência coletiva. Dessa forma, o tópico seguinte dedica-se a breves considerações sobre a ciência Onomástica.

2.2 CIÊNCIA ONOMÁSTICA

A ciência Onomástica é o campo de estudo que investiga os nomes próprios, abarcando suas origens, significados, variações e usos em diferentes contextos culturais, sociais e históricos. Conforme Dick (1990), a Onomástica desempenha um papel essencial na compreensão dos processos de nomeação, revelando como as comunidades constroem e organizam seus sistemas de referência nominal ao longo do tempo. Esse campo de estudo é subdividido em duas áreas principais: Toponímia, que se concentra nos nomes de lugares, e Antroponímia, dedicada aos nomes de pessoas, os quais são fundamentais para a compreensão da identidade individual e coletiva. Dessa forma, a Onomástica não se limita à catalogação de nomes, mas busca compreender as conexões entre a linguagem e a sociedade.

Segundo Dick (1992), a nomeação é um fenômeno linguístico que transcende a mera designação, sendo profundamente influenciado por fatores culturais, históricos e sociais. Os nomes próprios refletem as práticas culturais, as crenças e os valores de uma comunidade, funcionando como marcos de identidade e pertencimento. Além disso, Dick ressalta que os nomes não são elementos estáticos; eles evoluem e se adaptam às transformações sociais, incorporando novos significados ou perdendo suas conotações originais ao longo do tempo. Nesse sentido, a Onomástica revela-se uma ciência dinâmica, que acompanha as mudanças históricas e culturais das sociedades.

Outro ponto central destacado por Dick (1998) é o caráter interdisciplinar da Onomástica, que dialoga com áreas como História, Geografia, Antropologia, Sociologia e Literatura. Essa interdisciplinaridade permite que a Onomástica vá além do estudo linguístico dos nomes, explorando suas implicações sociais e culturais. Por exemplo, na literatura, os nomes próprios são usados não apenas para identificar personagens, mas também para transmitir informações sobre sua origem, personalidade ou função na narrativa. Assim, o estudo onomástico no contexto literário contribui para a compreensão de como os nomes ajudam a construir significados e narrativas dentro das obras.

Ademais, a Onomástica é uma ferramenta valiosa para compreender as relações entre língua e cultura. Dick (1990) enfatiza que os nomes próprios funcionam como repositórios de memória cultural, conservando aspectos históricos, mitológicos e simbólicos das comunidades que os utilizam. No contexto brasileiro, essa ciência assume uma relevância particular, considerando a riqueza cultural e a diversidade de origens dos nomes próprios. Portanto, a

aplicação da Onomástica no estudo dos nomes das autoras modernistas não só ilumina suas identidades individuais, mas também oferece insights sobre as dinâmicas culturais e sociais do período literário em que viveram.

2.3 ASPECTOS CONCEITUAIS DA ANTROPONÍMIA

Ao longo da história da humanidade, a nomeação de pessoas tem sido uma prática fundamental em todas as sociedades, funcionando como um dos aspectos mais antigos e recorrentes da organização social. Os nomes próprios de pessoas, conhecidos como antropônimos, são elementos atemporais que carregam significados etimológicos, culturais e sociais, refletindo as características e as transformações das comunidades em que estão inseridos. Embora a atribuição de nomes pareça um ato cotidiano, ela se reveste de profundos significados linguísticos e socioculturais, funcionando como um registro que codifica a identidade individual e coletiva de uma sociedade. A Antroponímia, portanto, é o ramo da Onomástica dedicado exclusivamente ao estudo dos nomes próprios de pessoas, analisando sua origem, evolução e implicações sociais.

Conforme Seide e Frai (2019, p. 66), a Antroponímia pode ser compreendida como "a ciência dos prenomes e sobrenomes, chamados de antropônimos, que revelam aspectos etimológicos, sociais e culturais de uma sociedade". Os nomes próprios, ao ultrapassarem a simples função de identificação, tornam-se representações de valores, crenças e práticas sociais de um grupo. Essa perspectiva é corroborada por Cantarela (2011, p. 130), que argumenta que "a palavra que nomeia o mundo é sempre ativa e realiza o dinamismo vital do qual participa toda a comunidade; o nome não apenas identifica a pessoa que o porta, mas garante um lugar na comunidade e, de certa forma, uma crença". Assim, o nome não é apenas um marcador individual, mas também um vínculo entre o indivíduo e sua comunidade, inserindo-o em um sistema maior de referências culturais e sociais.

A Antroponímia também desempenha um papel central na articulação entre Literatura e Linguística, evidenciando como os nomes próprios são utilizados na construção de narrativas e personagens. No campo literário, os nomes próprios frequentemente transcendem sua função denotativa, assumindo um papel conotativo que contribui para a construção de significado e para a interpretação do texto. Além disso, os nomes próprios podem refletir as intenções do autor e o contexto cultural em que a obra foi produzida. Essa interação entre Antroponímia e

Literatura destaca a interdisciplinaridade dos estudos linguísticos e literários, permitindo uma análise mais ampla das relações entre linguagem, cultura e sociedade.

Os estudos antroponímicos também destacam a importância dos nomes próprios como marcadores históricos. Conforme Dick (1992), os nomes são elementos linguísticos que carregam as marcas das mudanças sociais e culturais ao longo do tempo. Eles registram influências de diversos períodos históricos, incluindo as heranças das culturas clássicas, medievais e modernas. No contexto brasileiro, por exemplo, os nomes refletem a diversidade étnica e cultural do país, apresentando traços das tradições indígenas, africanas, europeias e, mais recentemente, de outras regiões do mundo. Esses registros onomásticos são, portanto, valiosos para a compreensão do passado e para a análise das dinâmicas sociais contemporâneas.

Outro aspecto relevante da Antroponímia é seu papel na construção e manutenção de identidades individuais e coletivas. Como aponta Seide (2013), o nome próprio não é apenas um identificador, mas também um símbolo de pertencimento a uma determinada comunidade. Ele reflete a história, os valores e as crenças do grupo ao qual pertence o indivíduo, funcionando como um elo entre o portador do nome e a sociedade. Assim, os nomes próprios podem expressar resistências, adaptações ou mesmo rupturas culturais, especialmente em contextos históricos marcados por desigualdades e conflitos sociais.

Além disso, a Antroponímia revela como os nomes podem atuar como ferramentas de exclusão ou inclusão social. Em muitas culturas, a escolha de um nome pode ser influenciada por fatores como classe social, gênero, etnia ou religião, revelando as hierarquias e preconceitos presentes na sociedade. Por exemplo, em determinados períodos históricos, nomes associados a classes privilegiadas ou a grupos dominantes eram mais valorizados, enquanto nomes de origem popular ou de minorias étnicas eram frequentemente marginalizados. Essa dimensão sociopolítica da nomeação reforça a relevância da Antroponímia como uma ciência capaz de lançar luz sobre as dinâmicas de poder e os processos de construção de identidade.

Por fim, a Antroponímia oferece um campo fértil para investigações interdisciplinares, conectando estudos linguísticos, históricos, literários e culturais. No contexto deste trabalho, a análise dos nomes próprios das autoras modernistas brasileiras possibilita uma compreensão mais ampla de como suas identidades foram construídas e representadas no cenário literário e social da época. Essa abordagem destaca a importância de compreender os nomes como elementos que transcendem a individualidade, refletindo questões culturais, históricas e de gênero que continuam a ressoar na contemporaneidade.

2.4 PERSPECTIVAS DA SÓCIO-ONOMÁSTICA: UMA ABORDAGEM CULTURAL E HISTÓRICA

A Sócio-Onomástica é uma área da Onomástica que investiga as relações entre os nomes próprios e os contextos socioculturais em que são atribuídos e utilizados. Essa abordagem amplia o estudo dos nomes ao considerar os fatores sociais, históricos e culturais que influenciam sua criação, uso e transformação ao longo do tempo. Conforme Seide (2013), os nomes não apenas identificam indivíduos, mas também carregam marcas identitárias que os conectam às comunidades que os utilizam, refletindo valores, crenças e tradições compartilhadas. Assim, o estudo dos nomes próprios permite compreender como eles funcionam como símbolos culturais e históricos que transcendem a simples função de designação.

Dick (1992) argumenta que a escolha de um nome pode revelar informações sobre a situação geográfica, histórica e social tanto do designador quanto do designado. Os nomes próprios não são atribuídos arbitrariamente; ao contrário, eles refletem as características culturais e sociais das comunidades que os criam e utilizam. Em períodos históricos diferentes, os motivos para a atribuição de nomes variaram significativamente, influenciados por fatores religiosos, políticos e culturais. Por exemplo, durante a Idade Média, os nomes de santos e figuras bíblicas se tornaram predominantes devido à influência do cristianismo, enquanto em outros contextos históricos, nomes inspirados por figuras mitológicas ou eventos históricos ganharam relevância.

Carvalhinhos (2000) ressalta que os nomes próprios de língua portuguesa estão profundamente ligados à história da Península Ibérica, refletindo a diversidade cultural da região. Durante o período das Navegações e da colonização, nomes provenientes de tradições romanas, germânicas e árabes coexistiam, sendo adaptados às especificidades locais. Essa dinâmica histórica evidencia como os nomes próprios são moldados pelas transformações sociais, mantendo, no entanto, elementos que preservam a memória cultural dos povos que os utilizam. Assim, a Sócio-Onomástica contribui para compreender as intersecções entre língua, história e sociedade na formação das práticas de nomeação.

A metodologia no estudo socio-onomástico é igualmente importante para entender as motivações e influências por trás da escolha de nomes. Frai (2016) propôs uma análise que combina abordagens qualitativas e quantitativas, investigando padrões de nomeação em diferentes períodos históricos. Em sua pesquisa, Frai examinou 250 nomes simples justapostos

em diversas décadas, identificando influências socioculturais que moldaram a prática de nomeação na cidade de Marechal Cândido Rondon – PR. Segundo a autora, nomes simples justapostos, como Ana Carolina e Pedro Henrique, diferem de nomes compostos consagrados pelo uso, como Maria de Fátima e João Paulo, permitindo a análise de modelos atributivos que refletem as dinâmicas culturais de cada período.

Seabra (2000) destaca que o sistema de referência extralinguístico associado aos nomes pode se manter ou se perder ao longo do tempo, dependendo das mudanças sociais e culturais. Esse fenômeno é particularmente evidente no estudo de topônimos e antropônimos, que funcionam como registros das transformações pelas quais passam as sociedades. No contexto da Sócio-Onomástica, investigar os nomes próprios é essencial para revelar as camadas históricas e culturais que moldam as práticas de nomeação, oferecendo uma visão ampla e detalhada das relações entre identidade, linguagem e cultura.

A Sócio-Onomástica, portanto, não se limita a um estudo linguístico dos nomes, mas explora como eles são influenciados e moldados por estruturas sociais, políticas e culturais. Por meio dessa abordagem interdisciplinar, é possível compreender de maneira mais abrangente as complexas interações entre os nomes próprios e os contextos em que surgem, especialmente em uma sociedade tão diversa quanto a brasileira. Esse enfoque é fundamental para a análise dos nomes das autoras modernistas abordadas nesta pesquisa, permitindo investigar as implicações culturais, históricas e literárias que os seus nomes carregam.

2.5 INTERFACE ENTRE ANTROPONÍMIA E A LITERATURA: CONEXÕES FUNDAMENTAIS

A interface entre Antroponímia e Literatura é um campo fértil para compreender as relações entre linguagem, identidade e sociedade, especialmente quando aplicada ao contexto do Modernismo brasileiro. Esta pesquisa propõe uma articulação entre preceitos linguísticos e literários, considerando os nomes próprios não apenas como designações linguísticas, mas como representações simbólicas carregadas de significados culturais, históricos e sociais. Para Carvalhinhos (2007), a linguagem desempenha um papel essencial ao registrar e dar nome às situações do mundo, traduzindo posturas sociais, crenças, profissões e origens regionais. Dessa forma, os nomes próprios tornam-se marcadores culturais que refletem tanto a história coletiva quanto às dinâmicas identitárias individuais.

Nesse contexto, Carvalhinhos (2007, p. 2-3) ressalta:

Em tempos remotos, o nome próprio cumpria a função significativa, isto é, sua função semântica estava assegurada: o indivíduo não era apenas designado por seu nome, como recebia toda sua carga conotativa. Um exemplo que ilustra esta questão está no nome Cícero, proveniente do nome latino Cícero, derivado de *cicer*, ‘grão de bico’ (Faria, 1988:105). No exemplo citado primeiramente o nome teria sido utilizado como alcunha, pejorativamente (em provável alusão a um sinal grande no rosto, semelhante a um grão de bico); como a língua é naturalmente dinâmica, o nome é rapidamente esvaziado de seu real sentido etimológico, restando apenas um invólucro, uma forma opaca que oculta o verdadeiro significado original do nome.

Essa transformação demonstra como os nomes, ao longo do tempo, transcendem suas funções utilitárias para se tornarem veículos de memória cultural e histórica. A literatura, por sua vez, apropria-se dessa riqueza semântica dos nomes, incorporando-os como elementos narrativos essenciais que ajudam a moldar personagens, enredos e contextos.

No campo literário, os nomes próprios assumem um papel único, servindo como elementos identitários que dialogam com o contexto cultural e histórico da obra. Em muitas narrativas, os antropônimos não são escolhidos ao acaso; eles carregam simbologias que enriquecem o significado do texto e, com frequência, estabelecem um jogo dinâmico entre o nome do personagem e a constituição de sua personalidade, revelando traços da visão de mundo do autor. No Modernismo brasileiro, por exemplo, o uso dos nomes nas obras de Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles reflete não apenas as particularidades de seus contextos culturais, mas também os desafios enfrentados pelas mulheres para ocupar um espaço na literatura em um período de transformações sociais.

Segundo Doin (2003), os nomes próprios também desempenham um papel na construção de personas literárias, permitindo que os autores abordem questões de cultura, crença e identidade. No caso do Modernismo, essa prática é particularmente relevante, já que o movimento rompeu com as estruturas tradicionais, abrindo espaço para a exploração de temas ligados à subjetividade e às questões sociais, como o patriarcado e a luta por igualdade de gênero.

Ao discutir a presença feminina no Modernismo, é inevitável abordar o impacto do patriarcado e como ele moldou as representações da mulher na literatura. Durante esse período, as mulheres começaram a romper as barreiras impostas pelas normas sociais e culturais, desafiando as expectativas tradicionais que as relegavam ao espaço doméstico. Os nomes

próprios utilizados para designar personagens femininas, bem como os nomes das autoras modernistas, tornam-se, assim, um reflexo das lutas e conquistas dessas mulheres.

O uso de nomes próprios em narrativas literárias modernas evidencia a conexão entre identidade individual e a percepção social. A escolha de um nome pode remeter a significados históricos, familiares ou culturais, atuando como um marcador de resistência e transformação. Essa relação é particularmente visível nos textos de Rachel de Queiroz, onde os nomes das personagens femininas frequentemente ecoam os desafios enfrentados por mulheres em contextos adversos, como o sertão nordestino retratado em *O Quinze*.

Ademais, a relação entre Antroponímia e Literatura permite uma análise aprofundada sobre como os nomes refletem as complexidades do papel feminino na sociedade. No Modernismo, as autoras mulheres não apenas desafiaram os paradigmas estéticos da época, mas também utilizaram a literatura como um espaço de resistência e expressão de sua identidade. O estudo dos nomes próprios dessas autoras e de suas personagens permite compreender como elas construíram narrativas que desestabilizaram estereótipos e reivindicaram novas formas de protagonismo feminino.

Portanto, a interface entre Antroponímia e Literatura não apenas enriquece as análises linguísticas e culturais, mas também ilumina as dinâmicas de poder e resistência presentes no cenário literário. Ao explorar as conexões entre os nomes e os contextos sociais e históricos em que estão inseridos, é possível ampliar a compreensão sobre as contribuições femininas no Modernismo brasileiro, reforçando a importância de seus legados para a cultura nacional.

2.6 FIGURA DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA: PERÍODO MODERNISTA

O Modernismo Brasileiro surgiu no início do século XX, em um contexto de intensas transformações políticas, sociais e culturais no país. Essas mudanças fomentaram uma reação ao academicismo predominante, impulsionando uma expressão artística inovadora e alinhada às vanguardas europeias, como o Futurismo, Cubismo e Expressionismo. A Semana de Arte Moderna de 1922, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, marcou simbolicamente o início do movimento, reunindo expoentes como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti (BOSI, 2006). Esse evento não apenas rompeu com padrões tradicionais, mas também consolidou a busca por uma autenticidade cultural que equilibrava influências externas e nacionais (CANDIDO, 2017).

Entre as principais características do Modernismo, destacam-se o nacionalismo crítico, que valorizava a cultura local, a língua coloquial e as manifestações populares sem idealizações ingênuas (SCHWARZ, 1992), e a experimentação formal, que desconstruiu métricas poéticas e formas narrativas convencionais. A fragmentação textual, o tom humorístico e irônico e a exploração de dilemas subjetivos marcaram a produção artística do período. Apesar da forte influência das vanguardas estrangeiras, o Modernismo Brasileiro adaptou essas referências ao seu contexto, criando um diálogo constante entre o universal e o local (BOSI, 2006; CANDIDO, 2017).

No campo literário, o movimento é dividido em três fases. A primeira (1922–1930) foi caracterizada pela ruptura estética e pela crítica ao passado artístico; a segunda (1930–1945) trouxe um amadurecimento do movimento, com ênfase em questões sociais e regionais; e a terceira (pós-1945) consolidou uma síntese mais equilibrada entre forma e conteúdo, com a universalização de temas (SCHWARZ, 1992). Nesse cenário, a participação feminina foi essencial. Escritoras como Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles ampliaram a representatividade feminina e enriqueceram a literatura ao abordar temas relacionados a gênero, subjetividade e identidade (NUNES, 2012).

O Modernismo Brasileiro, com sua pluralidade de correntes e propostas estéticas, deixou um legado duradouro na literatura e na cultura nacional. Ao integrar referências europeias e locais, o movimento não apenas reformulou os padrões artísticos e temáticos anteriores, mas também consolidou uma identidade literária singular. Como observa Cândido (2017), a Semana de Arte Moderna e suas repercussões reafirmaram a busca por uma expressão autônoma, tornando o Modernismo parte indissociável do patrimônio cultural brasileiro e uma fonte de inspiração contínua para gerações posteriores de escritores, artistas e pesquisadores.

Desse modo, o período modernista marcou uma ruptura significativa na sociedade brasileira, sendo palco de transformações culturais e sociais que impactaram diretamente o papel da mulher. As primeiras décadas do século XX testemunharam uma geração de mulheres que desafiou padrões tradicionais, rompendo com as convenções que as confinavam ao espaço doméstico. Essas modernistas, movidas pela busca de autonomia e expressão, adotaram comportamentos que até então eram vistos como inaceitáveis, como viajar sozinhas, divorciar-se, frequentar bares e praticar esportes. Tais atitudes, como observa Albuquerque (2020, p. 1), eram frequentemente interpretadas como sinais de descontrole emocional, associando-as ao comportamento de mulheres interditadas em instituições psiquiátricas. Contudo, essas práticas

também representaram o início de uma nova era para a presença feminina na esfera pública e artística.

Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, destacadas por Silva (2021), simbolizam essa transformação no campo das artes visuais, trazendo para o Modernismo uma nova perspectiva sobre a realidade brasileira. Essas artistas não apenas romperam com a estética tradicional, mas também contestaram os discursos conservadores que limitavam a atuação feminina. Paralelamente, no campo literário, autoras como Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles ampliaram o espaço da mulher na literatura, abordando temas que até então eram pouco explorados sob a perspectiva feminina, como subjetividade, identidade e os desafios impostos pelo patriarcado. Nesse contexto, Leite (1984, p. 43) afirma:

O feminismo é colocar a mulher no seu lugar. Levar-lhe aí os seus direitos, pois que ela deve intervir positivamente nos assuntos políticos, nas finanças, nos negócios, a fim de garantir com mais eficiência o esteio forte da família e do lar. Ela deve ensinar aos filhos o caminho reto do dever, a aplicação de patrimônios, a honestidade e a justiça, assim como participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa e igualitária (...).

As transformações sociais que ocorreram no início do século XX abriram caminho para que essas mulheres ocupassem espaços antes inacessíveis, especialmente na literatura. Elas desafiaram preconceitos, romperam barreiras culturais e questionaram as normas impostas, contribuindo para uma reconfiguração dos papéis femininos e, ao mesmo tempo, deixando um legado de resistência e criatividade.

Entre as autoras modernistas, Rachel de Queiroz (1910-2003) destaca-se como a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Seu romance inaugural, *O Quinze* (1930), retrata a dura realidade da seca no sertão nordestino sob uma perspectiva que valoriza o papel das mulheres. Em *Memorial de Maria Moura* (1992), Rachel narra a trajetória de uma protagonista forte e independente, reafirmando sua habilidade de construir narrativas que transcendem os limites impostos às mulheres de sua época (Frazão, 2020).

Cecília Meireles (1901-1964), por sua vez, foi uma figura central na poesia modernista brasileira, sendo a primeira mulher a alcançar grande expressão nesse gênero. Sua obra, marcada por reflexões sobre a existência e a espiritualidade, trouxe uma perspectiva única à literatura nacional. Livros como *Viagem* (1939) evidenciam sua sensibilidade lírica e o compromisso com a renovação estética, enquanto suas contribuições para a literatura infantil e o folclore ampliaram seu impacto cultural (Frazão, 2020).

Clarice Lispector (1920-1977), reconhecida como um dos maiores nomes da literatura brasileira, introduziu uma nova forma de narrar, caracterizada por introspecção psicológica e uma linguagem profundamente poética. Seu romance de estreia, *Perto do Coração Selvagem* (1943), foi inovador por sua construção fragmentada e pela exploração dos dilemas existenciais de suas personagens femininas. Clarice desafiou as normas narrativas tradicionais e utilizou suas obras como meio de questionar o papel da mulher na sociedade patriarcal.

Lygia Fagundes Telles (1923-2022) é amplamente reconhecida como uma ponte entre o Modernismo tardio e o Pós-Modernismo. Suas narrativas, como *As Meninas* (1973), destacam-se pela crítica social e pela abordagem de temas como repressão política e questões de gênero. Lygia foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa, consolidando sua posição como uma das vozes mais importantes da literatura brasileira contemporânea.

Essas autoras não apenas contribuíram para a literatura modernista, mas também desafiaram o patriarcado em suas trajetórias pessoais e em suas produções artísticas. Elas abordaram questões como subjetividade feminina, relações de poder e a construção da identidade de gênero em uma sociedade marcada por desigualdades. Suas obras abriram espaço para novas formas de representação da mulher na literatura, refletindo os desafios e conquistas de sua época.

O Modernismo, portanto, não apenas acolheu a presença feminina, mas também se tornou um campo fértil para a ampliação da representatividade das mulheres na literatura. As autoras modernistas, com suas narrativas inovadoras e sua coragem em enfrentar as normas sociais, deixaram um legado que continua a inspirar debates sobre a participação feminina na cultura e na arte. Esse período foi crucial para consolidar o protagonismo das mulheres na literatura brasileira, reafirmando sua importância como agentes de transformação cultural e social.

"Escrever é uma maneira de entrar em contato com a essência das coisas, de dar voz ao que é invisível."

– Lygia Fagundes Telles.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta uma análise detalhada dos nomes próprios das autoras selecionadas, com ênfase em sua etimologia e no papel simbólico que desempenham nos contextos literário e sociocultural. A investigação busca demonstrar como os nomes refletem, questionam e, em certos casos, subvertem as estruturas sociais, contribuindo significativamente para a representatividade feminina na literatura. Os nomes carregam mais do que identidades individuais: eles são portadores de histórias, memórias e valores que podem tanto perpetuar quanto desafiar convenções culturais e sociais estabelecidas.

No caso de autoras como Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, o uso de seus nomes verdadeiros torna-se um ato de resistência e afirmação em um cenário onde muitas mulheres precisavam adotar pseudônimos masculinos ou neutros para serem publicadas e reconhecidas. Essa escolha não apenas reforça a identidade feminina, mas também simboliza uma ruptura com as estruturas patriarcais que marginalizaram as vozes femininas no campo literário. Assim, o próprio nome da autora adquire um significado simbólico, refletindo sua posição de enfrentamento às normas sociais da época.

Ao examinar os nomes das autoras no contexto histórico e cultural, revelam-se camadas profundas de significado que enriquecem suas obras e ampliam a discussão sobre a representatividade feminina. Conforme Dick (1975), a análise onomástica ou antroponímica na ficção ilumina como os nomes funcionam como marcadores de identidade, evidenciando tensões sociais e estratégias de resistência. Nuessel (1992) também aponta que os nomes próprios frequentemente carregam simbologias específicas, oferecendo ao leitor uma compreensão mais aprofundada dos aspectos psicológicos e contextuais das personagens. No entanto, em alguns casos, o autor se vale do nome da personagem para construir uma contradição, como ocorre com (Eugênia), de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cujo nome remete à ideia de nobreza e perfeição, contrastando com sua condição marginalizada na narrativa.

Sob essa perspectiva, abordagens literárias feministas, em interação com a antroponímia, revelam como autoras e personagens femininas se apropriam ou subvertem convenções de nomeação. Essa dinâmica projeta vozes e identidades que questionam e desafiam estruturas hierárquicas historicamente consolidadas, utilizando o nome como uma ferramenta narrativa poderosa.

Em síntese, a análise onomástica no contexto do Modernismo Brasileiro não apenas descortina as identidades e histórias associadas aos nomes das autoras e personagens, mas também evidencia caminhos de resistência e afirmação percorridos por mulheres em um campo literário desigual. O nome, nesse cenário, emerge como um instrumento simbólico de subversão de narrativas patriarcais, fortalecendo a voz feminina e sua contribuição cultural em um período de intensas transformações sociais.

3.1. ETIMOLOGIA DOS NOMES DAS AUTORAS

A análise etimológica dos nomes das autoras Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles e Clarice Lispector é um elemento fundamental para compreender as intersecções entre identidade, cultura e literatura. Os nomes próprios não apenas identificam essas mulheres como indivíduos, mas também carregam significados históricos, culturais e simbólicos que dialogam com suas obras e trajetórias pessoais. Essa abordagem permite uma leitura mais ampla das implicações socioculturais dos nomes, explorando como eles refletem e desafiam as estruturas sociais do período modernista e além.

3.1.1 Rachel de Queiroz

Segundo Guérios (1981), o nome Rachel, de origem hebraica, significa “ovelha” ou “cordeiro”. Embora associado tradicionalmente à docilidade e à mansidão, também carrega conotações de resiliência, fertilidade e força. Rachel de Queiroz, como a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, representa uma ruptura com os papéis femininos tradicionais. Suas narrativas como, *O Quinze* e *As Três Marias*, Rachel de Queiroz evidencia essa força ao retratar personagens que enfrentam adversidades extremas, como a seca, a pobreza e a opressão social. Em *O Quinze*, por exemplo, Conceição representa a resiliência diante da miséria causada pela seca, enquanto em *As Três Marias*, a protagonista luta contra as limitações

impostas às mulheres em uma sociedade patriarcal. Dessa forma, a força simbólica do nome da autora se reflete na resistência e determinação de suas personagens, que persistem mesmo diante das dificuldades.. Como aponta Seide (2020), o nome Rachel, ao mesmo tempo que remete à suavidade, ganha um novo significado em suas obras, refletindo a resistência das mulheres nordestinas diante das adversidades. Nesse contexto, o nome transcende seu significado etimológico para tornar-se um marcador de identidade cultural e literária.

3.1.2 Lygia Fagundes Telles

O nome Lygia, segundo Guérios (1981) tem origem grega (*Lygía*) e significa "melodiosa" ou "suave", evocando uma sensação de harmonia e leveza. Na literatura de Lygia Fagundes Telles, no entanto, essa suavidade é acompanhada por uma profundidade psicológica marcante, característica de suas obras como *As Meninas* e *Ciranda de Pedra*. Lygia explora temas universais como amor, medo e loucura, revelando camadas complexas do universo feminino. A escolha desse nome e sua permanência como identidade literária reforçam a delicadeza e a introspecção que permeiam sua produção, enquanto sua presença ativa em instituições como a Academia Brasileira de Letras solidifica a relevância de sua contribuição literária. Como destaca Constância Lima Duarte (2003), O nome "Lygia" pode ser entendido como uma âncora cultural na medida em que representa a identidade da autora e sua conexão com o contexto histórico e social que permeia suas obras. Lygia Fagundes Telles, ao longo de sua trajetória pessoal, vivenciou períodos de intensa transformação política e social no Brasil, como a ditadura militar, cujos impactos são refletidos em suas narrativas. Em *As Meninas*, por exemplo, a autora retrata a repressão política e os dilemas da juventude em um cenário de censura e violência, temas que dialogam com sua própria experiência e percepção da realidade brasileira. Assim, seu nome simboliza uma marca de identidade que vincula sua vivência pessoal aos conflitos e reflexões presentes em sua literatura, estabelecendo essa ponte entre o individual e o universal.

3.1.3 Cecília Meireles

Neves (1999), o nome Cecília, de origem latina (*Caecilia*), deriva de *caecus*, que significa "cego". Associado à Santa Cecília, padroeira dos músicos, o nome simboliza pureza, devoção e sensibilidade artística. Essas características encontram eco direto na poesia de Cecília

Meireles, marcada por uma espiritualidade lírica e uma reflexão profunda sobre temas como o amor, o tempo e a existência. Obras como *Viagem* e *Ou Isto ou Aquilo* consolidam sua posição como uma das principais vozes líricas da literatura brasileira. O nome Cecília carrega um simbolismo que transcende sua origem etimológica, representando o vínculo entre arte e transcendência. Em sua obra, o nome assume uma dimensão metafórica, ressoando com a musicalidade e a espiritualidade presentes em seus versos, reforçando a conexão entre identidade e produção artística.

3.1.4 Clarice Lispector

Neves (1999), Clarice Lispector, nascida Chaya Pinkhasivna Lispector, adotou um nome de origem latina que significa "brilhante" ou "iluminada". Essa escolha destaca a singularidade e a luminosidade de sua produção literária, marcada pela introspecção e pela investigação da subjetividade. Obras como *A Hora da Estrela* e *A Paixão Segundo G.H.* exploram dilemas existenciais e introspectivos de maneira inovadora, promovendo uma espécie de revelação interior para seus personagens e leitores. Essa profundidade reflexiva e a busca por um sentido mais amplo da existência conferem ao nome Clarice um caráter emblemático, pois ele se torna símbolo de uma literatura que transcende o óbvio e ilumina as inquietações humanas. Dick (1992) observa que nomes próprios funcionam como marcadores de identidade que refletem as experiências e as contribuições de seus portadores. No caso de Clarice, o nome se torna um símbolo de sua singularidade como autora e de sua capacidade de iluminar questões fundamentais da condição humana.

3.2 IMPLICAÇÕES ANTROPÔNIMOS DOS NOMES

A análise etimológica dos nomes das autoras modernistas revela múltiplas camadas de significado que vão além de sua função designativa, configurando-se como um campo de interseção entre identidade pessoal e cultura coletiva. Conforme aponta Agra (2024), O nome é mais do que uma simples designação; ele se integra à identidade do indivíduo, influenciando sua percepção de si e sua inserção na sociedade. Além de carregar aspectos culturais e históricos, o nome pode estar associado a estereótipos, expectativas e até mesmo a construções simbólicas que impactam a forma como a pessoa é vista e como se vê. Dessa forma, ele não apenas expressa a individualidade do sujeito, mas também desempenha um papel social ao

situá-lo dentro de um contexto coletivo. Ele atua como um marcador que transcende a simples identificação, evidenciando conexões profundas com valores históricos, culturais e sociais. No caso das autoras analisadas, identificam em suas obras e dialogam com suas obras e trajetórias, funcionando como símbolos de resistência, afirmação e representatividade feminina no contexto literário e social do Modernismo Brasileiro.

A dimensão simbólica dos nomes também permite compreender como eles operam na interface entre literatura e cultura. Dick (1992) observa que os nomes próprios carregam uma dualidade, sendo, ao mesmo tempo, instrumentos de identificação e veículos de memória coletiva. Eles encapsulam valores, crenças e tradições, funcionando como uma ponte entre a história pessoal e o imaginário social. No caso de Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles e Clarice Lispector, seus nomes carregam simbolismos que dialogam com suas identidades literárias. Rachel, associada à força e resistência, reflete essas características em sua abordagem das questões sociais e da dureza do sertão. Lygia, com sua escrita introspectiva, aprofunda os dilemas humanos e psicológicos. Cecília, marcada pelo lirismo e musicalidade, traduz essa sensibilidade em sua poesia. Já Clarice, com um nome exótico e marcante, reforça a singularidade de sua literatura, voltada para a interioridade e os questionamentos existenciais. Assim, seus nomes não apenas identificam suas individualidades, mas também ressoam com os estilos e temas que exploram. Ao manterem seus nomes reais em uma época marcada pela exclusão das mulheres, essas autoras transformaram seus nomes em emblemas de luta e reconhecimento, contrariando as tendências que levavam muitas escritoras a adotarem pseudônimos masculinos ou neutros.

Ainda segundo Dick (1992), a análise onomástica é uma ferramenta poderosa para desvendar como os nomes próprios interagem com os sistemas culturais e linguísticos, refletindo, muitas vezes, tensões sociais e dinâmicas de poder. O autor destaca que os nomes não são escolhidos de forma arbitrária, mas sim influenciados por fatores históricos, sociais e políticos, que revelam as marcas de pertencimento, exclusão ou resistência. Na literatura, os nomes funcionam como dispositivos narrativos que enriquecem a compreensão das personagens e do contexto em que estão inseridas. No caso das autoras modernistas, seus nomes não apenas ecoam suas identidades pessoais, mas também carregam as marcas de uma época e de um movimento que buscava redefinir os papéis femininos na sociedade e na literatura.

Essas implicações antroponímicas tornam evidente que os nomes das autoras modernistas não são apenas rótulos designativos, mas também ferramentas que permitem explorar as múltiplas camadas de significados atribuídas a elas. Eles se tornam elementos que

transcendem a individualidade e ganham força como representações coletivas de um período histórico de transformação cultural. Dessa forma, a análise dos nomes revela como a identidade, a memória e a resistência se entrelaçam, iluminando as contribuições dessas mulheres para a construção de uma literatura que não apenas reflete, mas também questiona e subverte as estruturas patriarcais. Esses significados, sintetizados na tabela a seguir, ilustram a riqueza cultural, histórica e linguística contida em cada nome:

Tabela 1 – Nomes das autoras e seus significados

AUTORA	ORIGEM	ETIMOLOGIA	SIGNIFICADO CULTURAL
Cecília Benevides de Carvalho Meireles	Latim	Deriva de <i>caecus</i> , "cego". Associado a Santa Cecília, padroeira da música.	Evoca arte, fé e espiritualidade, reforçando a sensibilidade poética da autora.
Clarice Lispector	Latim	"Brilhante", "iluminada" ou "famosa"	Reflete inteligência, luminosidade e inovação, alinhando-se à profundidade de sua obra.
Lygia Fagundes Telles	Grego	<i>Lygía</i> , "melodiosa" ou "suave"	Sugere harmonia, delicadeza e introspecção, características presentes em suas obras.
Rachel de Queiroz	Hebraico	"Ovelha" ou "cordeiro".	Simboliza mansidão e resiliência, refletindo as lutas presentes em suas narrativas.

Fonte: Elaborado pela autora/pesquisadora com base em Dick (1992), Carvalhinhos (2000) e Behind the Name (2019)

A análise apresentada na tabela propõe uma reflexão sobre a etimologia dos nomes das autoras modernistas brasileiras e possíveis relações simbólicas com elementos de suas produções literárias e trajetórias pessoais. Embora não haja uma conexão direta comprovada, é possível observar que certas características associadas a seus nomes podem ressoar com temas recorrentes em suas obras, contribuindo para uma interpretação mais ampla de sua identidade literária. Os significados culturais e simbólicos atribuídos a cada nome não apenas refletem aspectos individuais, mas também reforçam as conexões entre identidade, história e criação artística. Nomes como Cecília, associados à arte e à espiritualidade, ou Rachel, que remete à resiliência e à luta, estabelecem uma ponte entre as experiências pessoais das autoras e os temas universais abordados em suas obras. Essa relação evidencia como a escolha, o uso e o significado dos nomes se tornam parte integrante de uma narrativa mais ampla sobre representatividade feminina e legado cultural no Modernismo Brasileiro.

3.2.1 Reflexões Sobre a Representatividade Feminina

Os nomes próprios, enquanto elementos antroponímicos, constituem poderosas ferramentas para compreender as dimensões mais profundas da produção literária e das trajetórias individuais. Como observa Constância Lima Duarte (2003), em contextos de exclusão e marginalização, a escolha e a preservação do nome real podem atuar como formas de resistência e afirmação identitária. No caso das autoras modernistas brasileiras, ao manterem seus nomes reais em uma época em que pseudônimos masculinos eram amplamente utilizados para driblar preconceitos de gênero, essas mulheres não apenas reafirmaram suas identidades, mas também estabeleceram um marco simbólico que abriu caminhos para a presença feminina no campo literário.

Rachel, Lygia, Cecília e Clarice carregam em seus nomes camadas de significados que transcendem o aspecto meramente individual, passando a refletir também os desafios, as conquistas e a resiliência de uma coletividade. A análise de suas etimologias revela conexões simbólicas com as características de suas obras: enquanto Rachel evoca mansidão e força, ligando-se às suas narrativas sobre a dureza da vida no sertão, Clarice representa luminosidade e profundidade, elementos que ecoam em sua abordagem introspectiva e inovadora. Cecília, associada à espiritualidade e à arte, e Lygia, com sua suavidade e harmonia, reforçam a identidade literária única de cada autora.

Mais do que simples identificadores, os nomes dessas autoras atuam como marcadores de luta e resistência em um contexto patriarcal que relegava às mulheres papéis subalternos. Ao recusarem apagar sua identidade em prol de convenções sociais, elas consolidaram não apenas seus espaços na literatura, mas também a força da voz feminina em um cenário dominado por homens. Dessa forma, a análise antroponímica ilumina não apenas as dinâmicas culturais e sociais de suas épocas, mas também a importância de suas escolhas como autoras que desafiaram as estruturas vigentes.

Assim, os nomes dessas escritoras tornam-se símbolos de uma luta contínua por igualdade e representatividade no campo literário. Eles representam não apenas a individualidade e o talento de cada uma, mas também a força coletiva de um movimento que transformou a literatura brasileira, deixando um legado que ressoa até os dias atuais.

Portanto, a etimologia dos nomes dessas autoras não é apenas um aspecto linguístico, mas também uma janela para compreender suas contribuições à literatura e à cultura brasileiras. Ao destacarem-se como símbolos de resistência e inovação, os nomes tornam-se elementos essenciais na construção de suas identidades e de suas obras, refletindo as camadas complexas de significado que caracterizam suas produções no Modernismo Brasileiro.

3.3 CONTEXTO CULTURAL E SOCIAL DOS NOMES: UM OLHAR PELA ANTROPONÍMIA

Os nomes no Brasil possuem uma história rica e complexa, refletindo a diversidade cultural e social da nação. Desde o período colonial até os dias atuais, as práticas de nomenclatura evoluíram sob a influência de fatores religiosos, históricos e culturais. Como destaca Seide (2020), a consolidação dos estudos onomásticos no Brasil, embora tardia, abriu caminho para análises mais profundas sobre os nomes enquanto construções linguísticas e sociais. Esses estudos revelam como os nomes carregam consigo não apenas marcas identitárias individuais, mas também significados coletivos e históricos, tornando-se instrumentos de análise cultural.

A antroponímia, enquanto ramo da onomástica que se dedica ao estudo dos nomes próprios, permite uma compreensão ampliada das dinâmicas sociais e culturais em torno da escolha e atribuição de nomes. Como observa Dick (1992), os nomes não são elementos arbitrários; ao contrário, eles refletem as condições geográficas, históricas e sociais do grupo que os utiliza. No caso das autoras modernistas, a análise antroponímica de seus nomes revela

camadas de significados que dialogam diretamente com o contexto cultural de suas épocas, funcionando como símbolos de resistência e afirmação feminina.

O Modernismo Brasileiro, marcado por profundas transformações culturais e sociais, foi um período em que mulheres como Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles desafiaram as convenções impostas pela sociedade patriarcal. Seus nomes, ao serem usados de maneira autêntica em suas produções e trajetórias, tornam-se representativos de um movimento maior: a luta por espaço e reconhecimento em um cenário literário dominado por homens. Ao analisar a etimologia e o significado cultural de seus nomes, é possível identificar como esses elementos reforçam a conexão entre identidade individual e coletiva.

Por exemplo, segundo Guérios (1981), o nome Rachel, de origem hebraica, significa “ovelha” ou “cordeiro”, simbolizando mansidão, mas também resiliência. Essas características dialogam diretamente com as narrativas de Rachel de Queiroz, que exploram a força e a resistência das populações nordestinas frente às adversidades. Já o nome Clarice, derivado do latim, significa “brilhante” ou “iluminada”, refletindo a originalidade e profundidade de sua produção literária. Esses exemplos sugerem que, em algumas leituras, os nomes podem adquirir um valor simbólico que dialoga com aspectos temáticos e estéticos das obras. Ainda que não haja uma relação direta comprovada, a etimologia e o contexto histórico dos nomes podem contribuir para interpretações que ampliam a compreensão da identidade literária das autoras.

No campo da antroponímia, essa relação entre nome e identidade cultural ganha ainda mais relevância ao se considerar o papel histórico dos nomes na construção de narrativas de pertencimento e exclusão. Para as autoras modernistas, os nomes não apenas consolidaram sua presença no imaginário literário, mas também funcionaram como instrumentos de resistência contra estruturas sociais desiguais. Como argumenta Constância Lima Duarte (2003), a escolha de manter o nome real, em oposição ao uso de pseudônimos masculinos, reafirmou a identidade feminina e abriu novos caminhos para a representatividade no campo literário.

Assim, ao examinar os nomes das autoras no contexto cultural e social do Modernismo, percebe-se que eles não são apenas identificadores, mas sim símbolos que carregam significados profundos. Esses nomes, associados a suas trajetórias e obras, iluminam a importância da antroponímia como ferramenta para compreender as interseções entre literatura, cultura e identidade, reforçando o protagonismo das mulheres na história literária brasileira.

3.4 REPRESENTATIVIDADE FEMININA NOS NOMES E OBRAS

A representatividade feminina na literatura vai além da construção de personagens e narrativas. Ela está intrinsecamente conectada à identidade das autoras e à forma como suas obras dialogam com as estruturas culturais e sociais do período. O uso dos próprios nomes pelas autoras modernistas brasileiras não foi apenas uma escolha pessoal, mas também um ato simbólico de resistência em um contexto predominantemente masculino.

Nesse contexto, a crítica literária feminista surge como uma ferramenta essencial para desestabilizar conceitos tradicionais e ampliar o olhar sobre as vozes femininas no cânone literário. Rossini (2020, p. 4) destaca que a crítica feminista busca dar visibilidade às autoras e desvelar as dinâmicas de exclusão que perpetuaram a marginalização das mulheres na literatura. Rachel de Queiroz, ao manter seu nome real, desafiou essas normas, enquanto outras autoras, como Clarice Lispector, utilizaram sua escrita introspectiva para questionar padrões sociais e explorar as complexidades da subjetividade feminina.

A obra de Rachel de Queiroz exemplifica os desafios enfrentados pelas mulheres em uma sociedade patriarcal. Como aponta Silva et al. (2017, p. 150), suas personagens femininas frequentemente enfrentam conflitos que revelam a tensão entre a realização pessoal e as imposições sociais. Ainda que suas narrativas tragam à tona os anseios e dilemas das mulheres, há uma constante luta contra o silenciamento imposto por normas rígidas.

Por outro lado, Clarice Lispector desafia essas convenções ao explorar a subjetividade como ferramenta literária. Sua obra transcende os limites do contexto social para atingir um caráter universal. Mesmo sendo criticada por sua suposta alienação das questões sociais, Clarice se posicionava a favor da legitimidade da subjetividade em sua escrita. Em "Hermética?" (2004, p. 177), ela reflete sobre a complexidade de sua produção, defendendo que sua linguagem e seus temas deveriam ser tratados em igualdade de condições, seja para públicos adultos ou infantis.

No campo da Antroponímia, os nomes das autoras e suas personagens desempenham um papel crucial na construção de identidades e na amplificação das complexidades sociais e psicológicas. Dick (1992) ressalta que os nomes próprios não são apenas elementos linguísticos, mas também portadores de significados simbólicos que refletem e subvertem estruturas culturais. Assim, ao analisarmos os nomes e sua etimologia, identificamos como as autoras

modernistas usaram esse elemento como um recurso narrativo e político, promovendo reflexões sobre gênero, classe e cultura.

Portanto, a escolha dos nomes pelas autoras modernistas e a análise onomástica das suas obras revelam camadas profundas de significado. Elas não apenas enriqueceram a literatura brasileira com suas narrativas, mas também marcaram sua posição como protagonistas em um espaço que historicamente negava visibilidade às mulheres. A Antroponímia, nesse sentido, torna-se uma ferramenta valiosa para compreender como os nomes carregam histórias, memórias e resistências que transformaram o cenário literário e cultural.

"Escrever é uma forma de fazer a vida valer a pena."

— Rachel de Queiroz

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa destacou a importância da Antroponímia no contexto literário e sociocultural, analisando como os nomes próprios de autoras modernistas brasileiras refletem e ressignificam as estruturas sociais da época. Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles não apenas marcaram a literatura com suas produções inovadoras, mas também utilizaram seus nomes como instrumentos de resistência e afirmação no campo literário predominantemente masculino.

Os nomes, enquanto elementos linguísticos e culturais, carregam significados que transcendem a identidade pessoal. Conforme evidenciado pela análise etimológica e simbólica, os nomes das autoras estudadas vão além de uma função meramente designativa, assumindo um papel de representação social e cultural. Eles revelam histórias, valores e lutas que as posicionam como vozes fundamentais no cenário modernista brasileiro.

Ao explorar a etimologia e o contexto cultural dos nomes, a pesquisa revelou como a escolha e a manutenção dos nomes reais dessas autoras representam atos de resistência em um período em que pseudônimos masculinos eram frequentemente utilizados por mulheres para alcançar aceitação. Essa escolha reitera a luta pela visibilidade e pelo reconhecimento feminino no campo literário.

As obras de Cecília, Rachel, Clarice e Lygia refletem os contextos culturais e sociais em que estavam inseridas. Embora não haja uma relação direta com seus nomes, suas produções

dialogam com elementos simbólicos de suas trajetórias, como o sertão em Rachel de Queiroz, o lirismo em Cecília Meireles, a introspecção em Lygia Fagundes Telles e a busca existencial em Clarice Lispector.

A conexão entre o nome e a narrativa revela uma integração simbólica que reforça a identidade e a representatividade feminina, especialmente no Modernismo, quando as mulheres começaram a ocupar espaços de maior destaque na literatura brasileira.

Além disso, a análise antroponímica contribuiu para um entendimento mais aprofundado da relação entre identidade e literatura. Os nomes das autoras funcionam como marcadores de pertencimento e resistência, refletindo não apenas suas trajetórias individuais, mas também um esforço coletivo para subverter estruturas patriarcais e afirmar a relevância das vozes femininas na cultura nacional.

Nesse sentido, a pesquisa evidenciou como a Antroponímia pode ser um recurso poderoso para iluminar as intersecções entre literatura, cultura e gênero. A análise onomástica dos nomes dessas autoras não apenas enriquece a compreensão de suas obras, mas também amplia o debate sobre a representatividade feminina na história literária.

Os nomes próprios analisados nesta pesquisa são símbolos de inovação e autenticidade que desafiaram as normas estabelecidas. Eles mostram como a escolha de um nome carrega implicações profundas, capazes de questionar e transformar narrativas culturais e sociais, contribuindo para um campo literário mais inclusivo e plural.

A representatividade feminina, que começa a emergir com maior força no Modernismo Brasileiro, é reforçada não apenas pelas obras das autoras, mas também pelos significados associados aos seus nomes. Esse elemento oferece novas perspectivas para a análise literária e para o estudo das estruturas sociais que moldaram a produção dessas escritoras.

Portanto, ao combinar a análise antroponímica com um estudo cultural e literário, esta pesquisa não apenas enfatiza a relevância das autoras modernistas no cenário literário brasileiro, mas também aponta para a necessidade de investigações futuras que aprofundem as relações entre linguagem, identidade e cultura em diferentes contextos históricos e sociais. Além disso, os nomes próprios, enquanto elementos centrais na Antroponímia, possuem um papel significativo na construção da identidade e da representatividade feminina. Assim, a pesquisa reafirma a importância de explorar a literatura sob múltiplas perspectivas, revelando camadas

simbólicas que enriquecem nossa compreensão sobre os papéis desempenhados pelas mulheres na história e na cultura.

A análise aqui desenvolvida oferece uma base sólida para compreender a relevância dos nomes próprios no contexto literário, social e cultural. Contudo, há ainda muitas possibilidades de aprofundamento no campo da Antroponímia, especialmente no estudo das intersecções entre linguagem, literatura e representatividade de gênero. Pesquisas futuras podem expandir essa abordagem, analisando, por exemplo, como os nomes de personagens literárias em obras contemporâneas refletem as transformações sociais e culturais em curso.

Além disso, explorar os impactos da escolha dos nomes próprios em diferentes períodos históricos pode revelar novas perspectivas sobre a construção da identidade literária e social. Dessa forma, este estudo contribui não apenas para o fortalecimento da análise antroponímica na literatura, mas também para a ampliação do debate sobre a importância das vozes femininas na história cultural, consolidando sua representatividade e abrindo caminhos para novas interpretações no campo da pesquisa linguística e literária.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. **Mulheres modernistas desafiaram os padrões femininos do início do século 20**. Portal Fiocruz, 7 jul. 2020. Disponível em:

<https://portal.fiocruz.br/noticia/mulheres-modernistas-desafiaram-os-padroes-femininos-do-inicio-do-seculo-20>. Acesso em: 17 out. 2024.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2017.

CANTARELA, A. G. **Nomes divinamente humanos: antroponímia na obra de Mia Couto**. In: Teoliterária, v. 1, n. 2, 2º Semestre de 2011.

CARVALINHOS, P. de J. As origens dos nomes de pessoas. **Domínios de Linguagem**:

Revista Eletrônica de Linguística, n. 1, 2007. Disponível em:

<http://www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/8.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

DAUZAT, A. **Les noms de lieux: origen et évolution – Villes et villages – Pays – Cours d'eau – montagnes – lieuxdits**. 5. ed. Paris: Delagrave, 1947.

DICK, M. V. P. A. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 77-88.

DICK, M. V. P. A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

DOIN, J. E. M. **As Mulheres do Modernismo**: Daisy, Zina, Anita, Regina, Tarsila, Olívia e Pagu. In: ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História – João Pessoa, 2003.

FRASÃO, D. **Biografias**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/>. Acesso em: novembro de 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, A. D.; GÓIS, M. L. S. **Ciências da linguagem: o fazer científico?: volume 1**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

GUÉRIOS, M. **Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1981.

LEITE, Miriam L. **Outra face do feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

NEVES, Orlando. *Dicionário de Nomes Próprios*. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

NUESSEL, F. **The study of names**: a guide to the principles and topics. Westport, CT: Greenwood Press, 1992.

ROSSINI, T. C. N. **A construção do feminino na literatura**: representando a diferença. Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2020. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459/360>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SAPIR, E. **Language in Society**. v. 14, n. 3, 1985, p. 289-297.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEABRA, M. C. T. C. **Relação entre referência, sentido e nomes próprios**: um olhar pela Onomástica. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2000.

SEIDE, M. S. AMARAL, E. T. R. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

SEIDE, M. S.; FRAI, P. H. **Antroponímia Comparada**: um estudo sobre os nomes inovadores na antroponímia da Espanha e do Brasil. *Afluentes: Revista de Letras e Linguística*, UFMA/Campus III, v. 4, n. 12, p. 64-86, maio/ago. 2019.

SARDENBERG, C. M. B. **Feminismo e Literatura**: Reflexões sobre a Representatividade Feminina na Produção Literária Brasileira. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Acesso em: 11 jan. 2025.

SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SILVA, N. F. C. e; CRUZ, L. G.; TATIM, J.; PEREIRA, M. P. T. (Org.). **Mulheres e a Literatura Brasileira**. Macapá: UNIFAP, 2017.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.